

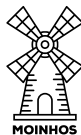
# O PERÍODO FORMATIVO



ESTUDOS SARAMAGUIANOS

# O PERÍODO FORMATIVO

**Horácio Costa**





# SUMÁRIO

- 7    **PREFÁCIO**
- 9    **INTRODUÇÃO**
- 23   **CAPÍTULO I**   PRENÚNCIOS DA VONTADE DE EXPRESSÃO
- 37   **CAPÍTULO II**   A EXPERIÊNCIA POÉTICA  
VISTA EM PERSPECTIVA
- 43    II.1.   Os Poemas Possíveis
- 63    II.2.   Provavelmente Alegria
- 76   **CAPÍTULO III**  DA POESIA À PROSA  
I: SARAMAGO CRONISTA
- 105  **CAPÍTULO IV**  DA POESIA À PROSA  
II: SARAMAGO DRAMATURGO
- 108  IV.1.   A tentação do teatro participante: A Noite
- 119  IV.2.   O fascínio da história: *Que Farei com Este Livro?*
- 157  **CAPÍTULO V**   AS DIVINDADES ANCILARES:  
SARAMAGO TRADUTOR E CRÍTICO LITERÁRIO
- 159  V.1.    Saramago, tradutor
- 170  V.2.    Saramago, crítico literário
- 189  **CAPÍTULO VI**  PRODUÇÃO TEXTUAL  
E EXPERIMENTAÇÃO EM
- 192  VI.1.   O Ano de 1993
- 228  VI.2.   Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido

245 **CAPÍTULO VII** A RECONQUISTA DA PROSA: *MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA E OBJECTO QUASE*

249 VII.1. Manual de Pintura e Caligrafia

289 VII.2. Objecto Quase

317 **CONCLUSÕES**

329 **ANEXO I** RELAÇÃO DAS TRADUÇÕES FEITAS POR JOSÉ SARAMAGO

333 **ANEXO II** ATIVIDADE CRÍTICA DE JOSÉ SARAMAGO NA *SEARA NOVA*

335 **BIBLIOGRAFIA**

335 I. De e sobre José Saramago

335 I.1. Livros de José Saramago (publicados até a data de realização deste estudo)

336 I.3. Atividade crítica de José Saramago: literária e político-partidária publicada em periódicos e não recenseada em livros

336 3.1 Introduções e apresentações

337 3.2 Discursos

337 I.4. Bibliografia sobre José Saramago

337 4.1. Livros

337 4.2. Artigos literário-críticos, notas e entrevistas

342 II. Bibliografia utilizada

342 II. 1. Livros e artigos

346 II. 2. Obras de referência

347 III. Bibliografia consultada

## PREFÁCIO

*O meu interesse pela obra de José Saramago nasceu com a leitura, na seguinte ordem, de Memorial do Convento, O Ano da Morte de Ricardo Reis e Levantado do Chão, em 1984. Quando procurei, na Biblioteca Sterling de Yale, material crítico sobre ela, surpreendi-me: pouquíssimo fora escrito sobre este romancista até àquela data. A minha surpresa aumentou quando, visitando Portugal em 1985, descobri que Saramago já tinha publicado, antes daqueles romances, uma série de livros, todos quase absolutamente desconhecidos em termos críticos, em vários outros gêneros literários. Uma vez tendo decidido trabalhar sobre a sua obra, primeiramente enfoquei os romances acima, porém, na medida em que outros da sua autoria vinham à luz, cresceu-me o propósito de estudar os seus livros anteriores, o seu período de formação. Qual fora o processo deste escritor antes de chegar à linha da frente da literatura portuguesa, já sexagenário? Como se formara a sua escrita? Por que, e como, começara a escrever romances depois de ter-se dedicado a vários gêneros literários, ao longo de mais de três décadas? O estudo que segue tem a sua origem nestas perguntas.*

*O Professor Emír Rodríguez-Monegal (1921-1985), que coincidia comigo sobre o valor da obra de Saramago, foi o primeiro a encorajar-me a responder a estas questões. Da Fundação Calouste Gulbenkian recebi uma bolsa para pesquisar, em Portugal, a obra do escritor. Em Lisboa, gozei da hospitalidade de D. Henrique González-Casanova, então embaixador do México em Portugal. Uma dotação do Malcolm Bachelor and Leonard Stevens Fund, do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Yale, foi-me designada para concluir as investigações começadas em Portugal.*

*Do próprio José Saramago recebi indicações ao longo do tempo em que este trabalho foi elaborado. Ao Professor Dr. Roberto González-Echevarría, orientador desta tese, devo inúmeras e valiosas sugestões. Também à Professora Dra. Irlemar Chiampi, da*

*Universidade de São Paulo, que amigável e pacientemente leu este estudo e decidiu comigo aspectos dele. A Professora Dra. Maria Aparecida Santilli, da Universidade de São Paulo, e Manuel Ulacia, meu companheiro, encorajaram-me mais de uma vez a não esmorecer no caminho.*

*A todos estes amigos, em sua presença ou in memoriam, fica aqui expresso o meu mais profundo agradecimento.*

*Cidade do México, novembro de 1993*

**Horácio Costa**



# CAPÍTULO I

## PRENÚNCIOS DA VONTADE DE EXPRESSÃO

### **(Terra do Pecado)**

Em 1947 aparece em Lisboa o primeiro livro de José Saramago, o romance *Terra do Pecado*, a cuja existência, como sói acontecer muitas vezes com escritores que futuramente se afastarão dos modelos narrativos que incorporaram em suas primeiras obras, o autor apenas excepcionalmente aludirá. Este ostracismo a que relega o escritor o seu primeiro livro, publicado quando contava ele vinte e cinco anos, é compreensível. De fato, *Terra do Pecado*, fruto extemporâneo da que décadas depois se afirmaria como uma das mais importantes obras da literatura portuguesa contemporânea, guarda, hoje, um interesse referencial, maior para o leitor que metodicamente busque uma visão completa da obra saramaguiana que para o público geral.

Tomado de forma isolada no contexto da literatura da época da sua publicação, o exame de *Terra do Pecado* revela que, como objeto literário, o livro apresenta uma notável defasagem estilística e, mesmo, temática, em relação à escrita romanesca que então se processava em Portugal, onde autores como o Alves Redol de *Gaibéus* (1ª ed. 1940) ou o Carlos de Oliveira de *Casa na Duna* (1ª ed. 1943), obras-marco do primeiro momento do neorealismo, haviam introduzido uma dicção explosivamente nova, em termos de uma releitura da vertente de consciência social que de modo crescente se fora imprimindo na literatura portuguesa desde o realismo. Ao contrário do que acontece nestes livros, vale apontar que em *Terra do Pecado* não se evidenciam traços maiores de um contato com a então jovem literatura regionalista do Nordeste brasileiro que, absorvida pelos autores antes mencionados e capitaneada

pelo Jorge Amado de *Jubiabá* (1935) ou *Capitães de Areia* (1937) e pelo Graciliano Ramos de *São Bernardo* (1934) ou *Vidas Secas* (1938), para mencionar apenas obras escritas durante a década de 1930, obtivera grande circulação em Portugal<sup>3</sup>.

Ainda, quer consideremos a obra de escritores de gerações literárias anteriores, como Ferreira de Castro e Raul Brandão, que constituem o elo de superação e renovação da corrente realista-naturalista do século passado nas primeiras décadas do presente, quer consideremos a pluralidade de opções literárias que se espelham na polarização estético-ideológica entre nos grupos reunidos em torno da “esteticista” revista *Presença* (publicada 1927-1940) – que constou com a colaboração de criadores de alto nível, como José Régio, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões e Miguel Torga –, e da “racionalista” revista *Seara Nova* (fundada em 1921) – marcada por um elevado discurso ensaístico, dado pela tônica das colaborações de António Sérgio e Jaime Cortesão e pela inclusão valiosa, nos seus quadros, de ficcionistas como Aquilino Ribeiro ou o já citado Raul Brandão –, o que a leitura de *Terra do Pecado* deixa entrever é que a sua matriz narrativa, e mesmo estético-ideológica, se encontra num momento literário mais afastado no tempo, situando-se num período anterior àquele aproximativamente definido pelo enquadramento literário antes esboçado.

Sem inferir que Saramago não tivesse tido contato com esta gama de autores e opções literárias na época da escrita de *Terra do Pecado*, e que possivelmente se encontrasse, portanto, a par das direções básicas segundo as quais se encaminhava a produção

**3** O peso tutelar da literatura do Nordeste brasileiro no advento do surto neorrealista em Portugal, de sobejo conhecida, pode ser medida por algumas opiniões da época: o grupo da *Presença*, por exemplo, através de João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, atribuiu à ascendência de *Mar Morto* e *Jubiabá*, de Jorge Amado, alguns traços estilísticos fundamentais de *Gaibéus* e *Marés*, de Redol (ver Mendonça, Fernando. “O Romance Nordestino e o Romance Neo-realista”. In: *Três Ensaios de Literatura*. FFCL-Assis, 1967, p. 27-41; do mesmo autor leia-se, também, “Para a interpretação dos diversos neo-realismos”, publicado *A Literatura Portuguesa no Século XX* [São Paulo: Hucitec, 1973]). Neste último estudo, diga-se de passagem, o neorrealismo é considerado a partir de duas linhas de força, uma determinada pela produção de Amado, que se estenderia sobre a obra de Redol, e outra pela de Lins do Rêgo e Graciliano, sobre a de Carlos de Oliveira, cuja presença indireta na obra de Saramago será estudada quando analisarmos a produção poética de Saramago no próximo capítulo.

da prosa de ficção em Portugal, e sem menosprezar que analogias possam vir a ser estabelecidas entre a sua primeira obra e algumas dos autores mencionados, parece-me que é no naturalismo em geral, e no luso-brasileiro em particular, que poderemos observar os traços literários dominantes em *Terra do Pecado*.

De fato, a situação desenvolvida no livro é caudatária do romance “experimental” ou “naturalista” ou, ainda, “de tese” – que, ao longo do ciclo *Les Rougon-Macquart*, porém especialmente a partir do longo ensaio *Le Roman Expérimental* (1880), de Émile Zola, e da leitura das obras do outro grande discípulo de Flaubert, Guy de Maupassant, encontrou fértil eco nos romances escritos em português em ambos os lados do Atlântico<sup>4</sup>.

Sendo assim, no âmbito da literatura portuguesa ou brasileira, antes de ser através de escritores que guardam, com relação a Saramago, um maior ou menor grau de imediatidade como seus antecessores temporais (tais como Redol ou Amado), será entre os naturalistas de fim-de-século que encontraremos os antecedentes mais claros de *Terra do Pecado*. Nomes como o de Abel Botelho (o qual, de *O Barão de Lavos*, publicado em 1891, a *Próspero Fortuna*, de 1910, analisa a degenerescência moral das classes abastadas, enfocando insistentemente as componentes “pervertidas” do seu

4 Sobre a determinante presença de Émile Zola no panorama literário português no princípio do século, vale transcrever a opinião de Raul Brandão, publicada, quando da morte de Zola, no jornal *O Dia* de 30 de Setembro de 1902: “Zola era hoje, em Portugal, tanto ou mais popular do que foi Camilo Castelo Branco. E popular não só pela influência direta da difusão dos seus livros [...] mas também, indiretamente, pela sugestão mental exercida nesse mesmo público pelos nossos escritores de mais poderoso e fecundo voo, os quais haviam tomado ultimamente todos por esse trilho assoalhado e direito, rasgado a poder de independência e audácia na montanha convencionada dos séculos pelo forjador gigante do *Germinal* [...]. O certo é que nossos melhores romancistas contemporâneos seguiam hoje instintivamente a orientação iluminada do Mestre” (cf. “Introdução” de Túlio Ramires Ferro à reedição de *Os Operários*, de Raul Brandão, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1984, p. 99).

Quanto a Maupassant, importa que mencionemos que sua presença é, sem dúvida, das mais fulcrais durante a formação literária de Saramago; ela será estudada mais adiante quando nos dedicarmos à produção crítica do escritor durante a década de 1960 no capítulo quinto do nosso estudo. Visando situar melhor o tema em desenvolvimento, entretanto, desde já apontamos que, por exemplo, quinze anos depois de *Terra do Pecado*, o então já não tão jovem escritor, que se preparava para iniciar como poeta a sua trajetória na literatura portuguesa, dedicava ao grande naturalista normando um dos escritos críticos mais reveladores sobre os valores literários que lhe regiam o horizonte non período.

comportamento sexual, tomado como índice de sua decadência<sup>5</sup> que, em Portugal, responde exemplarmente à inclusão nos modelos zoleanos, ou, ainda, como os dos brasileiros Júlio Ribeiro (que, em *A Carne*, de 1888, “estuda” a transformação da insatisfação sexual de uma filha-família numa histérica infrene)<sup>6</sup> e Aluísio Azevedo (que, em *O Cortiço*, de 1890, açula as contradições entre inocência e pulsão sexual, bem aos moldes do *Germinal* de Zola, ao pintar-nos a figura de Pombinha)<sup>7</sup>, parecem-nos estar, considerando o que dissemos acima, mais perto do Saramago de *Terra do Pecado* que os neorrealistas de primeira hora ou os arautos do “ciclo do romance nordestino” que os inspiraram.

Além da tríade de escritores naturalistas mencionada, importa incluir aquele que constitui o divisor de águas na prosa portuguesa do século passado e que nela soube indelevelmente instaurar o método “científico” na análise – e na detratção – da “coisa” social: refiro-me a Eça de Queiroz que, da conferência “O Realismo como Nova Expressão da Arte”, de 1870 – na qual declara que “o

5 Abel Botelho, “patólogo social”, de acordo com a sua autodenominação, é talvez o melhor exemplo da aplicação dos ideologemas naturalistas à prosa portuguesa do século passado, temperado com uma veia hiperbolizante cujo resultado era muitas vezes aproximar perigosamente as suas obras “científicas” da literatura marrom. Em *O Barão de Lavos*, por exemplo, Botelho toca um tema até então tabu na literatura portuguesa: o homossexualismo, desde um ponto de vista moralizante e condenatório (ao contrário, diga-se de passagem, do que acontece em *O Bom-Crioulo* [1895], do brasileiro Adolfo Caminha, seu contemporâneo), que não exclui, por certo, um frequente apelo a “escabrosidades” que hoje são lidas como prodígios de ingenuidade. Como vemos, algo de sensacionalismo, por certo em franca oposição aos mais sóbrios postulados zoleanos, assistiu à escrita do romance.

6 “O caso de Júlio Ribeiro é típico. Filólogo e polemista de valor [...] deixou-se empolgar pelos famosos ‘estudos de temperamento’. E malgrado o seu poder descritivo, só conseguiu compor um livro ridículo. A mulher superior, que queria mostrar ao mesmo tempo em luta com as exigências da carne e com as convenções sociais, saiu-lhe uma pedante insuportável e uma histérica vulgar. O autor não a tirou da vida, e sim dos livros.” (PEREIRA, Lúcia Miguel. “Prosa de Ficção 1870-1920”. In: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1950, vol. XII, p. 127).

7 Analisando *O Cortiço*, L.M. Pereira diz-nos que “só uma figura destoa no meio, apesar de tudo homogêneo: a de Pombinha, a pura donzela que acaba se prostituindo. O seu delírio, no instante em que sofre tardiamente as transformações da puberdade, é uma das páginas mais declamadoras e piegas de Aluísio Azevedo” (Cf. Pereira, L.M., *op. cit.*, p. 151).

Realismo é a anatomia do carácter<sup>8</sup> –, passando por *O Crime do Padre Amaro* (especialmente na primeira redação, de 1876) e por *O Primo Basílio* (1876), até *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), pode, com um nunca minorado padrão de excelência literária, referir-se energeticamente à intrusão da sexualidade como elemento disruptor da plana moral burguesa das classes médias e altas de Portugal. As seduções, marcadas com uma ponta de variável lubricidade, de Amélia por Amaro, de Luísa por Basílio, e de Gracinha por André Cavaleiro, em cada um dos romances apontados, com o subsequente adensamento do tecido narrativo – e, também, claro está, da função desmascaradora, moral, do plano da obra –, são momentos paradigmáticos na escrita romanesca em português, pontos de referência aos quais se ativeram praticamente todos os escritores que posteriormente trataram temática semelhante; Saramago, ao tratar em *Terra do Pecado* o tema ao qual nos referiremos mais adiante, não poderia, neste sentido e muito mais considerado a sua pouca idade, constituir uma exceção.

Entretanto, se se pode tomar como fato que as raízes profundas do enredo e do estilo empregue em *Terra do Pecado* ecoam a textualidade queirosiana, na superfície – da ação narrada, da concepção dos personagens, da temática geral abordada – é o modelo naturalista que se impõe no livro. De fato, há muito de subordinativo da psicologia à fisiologia, no sentido de Taine, e de sintomático, no sentido de, para dizê-lo numa palavra, toda a ética-estética naturalista, na escrita e no enredo de *Terra do Pecado*. Além disso, na passagem que abaixo estudaremos há uma referência esclarecedora do evolucionismo inglês, movimento que, como sabemos, ainda que apresentando um desenvolvimento autônomo e um quadro filosófico independente, é epistemologicamente complementar ao cientismo francês corporificado pelo determinismo de Taine, pela poderosa escrita de Zola e, também, pelo positivismo de Comte.

**8** Assim corre trecho na célebre conferência de Eça de Queiroz: “[O Realismo] É a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático e dos piegas. [...] é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.” (Cf. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 12 ed. Porto: Porto Editora, 1982, p. 926).

Passemos à obra. No ambiente rural de uma quinta, cuja ordem foi alterada pela morte prematura de seu dono, sua viúva, Maria Leonor, submerge pouco a pouco num estado de torpor e de languidez crônicos, advindos, infere-se, da não satisfação das necessidades do seu exagerado e talvez mórbido instinto sexual. Um primeiro contato sexual, interrompido pela puritana e alerta ama Benedita, com seu cunhado, desperta-a para a verdade da sua condição. A partir deste momento, Maria Leonor descobre em si uma veia filosófica, que dá oportunidade ao autor de veicular sem maiores elaborações muitos dos *topoi* naturalistas. Podemos observar esta mecânica, por exemplo, na passagem em que a viúva relata ao médico da família, o bonacheirão Dr. Viegas – que terminará por constituir a involuntária e fatal vítima dos eflúvios de Maria Leonor, mais avançado o romance –, a escandalosa experiência que esteve a ponto de consumir com seu cunhado:

– Quisera neste momento não sentir vergonha [...]. Mas não pode ser assim. Preciso de qualquer coisa que me dê certeza da minha mesquinhez: olhe, doutor, vá ao escritório, peça-lhe, e traga...traga *Os Primeiros Princípios* de Spencer...

[...] – Quero sentir que, no fundo, isto nada vale, desde que eu mantenha a serenidade suficiente para não deixar de pensar na grandeza esmagadora do Universo. Quero sentir-me ínfima, idêntica à primeira fêmea irracional que atraígoa pela primeira vez o macho preferido, já depois dele morto...

[...] – Tudo isto é simples e claro, duma simplicidade e duma clareza naturais... Uma mulher, um homem, a chispa que salta, a razão que se encadeia, e é tudo... Quando sucedeu, achei-me reles [...]. Depois, acalmei-me, concluí que não agira propriamente como mulher [...]; eu procedera como a fêmea pré-histórica que se embrenhava no mato, berrando, ciosa pelo macho, e que se espojava depois na terra fecunda e negra. Eu era joguete das forças naturais do sexo, as mais misteriosas forças da vida, que são o anseio íntimo para a imortalidade dos deuses. Foi pensando isto tudo que me acalmei [...].

[...] – Creio que já sei o que está pensando. Desde o histerismo até a loucura, já admitiu todas as hipóteses, não é verdade?...<sup>9</sup>

Como vemos, a autocaracterização de Maria Leonor na passagem citada pauta-se bastante pelo ideário naturalista. Além das marcas mais evidentemente textuais, a constelação teórico-intelectual do naturalismo deixa-se evidenciar pela citação no texto de *Primeiros Princípios* (*First Principles*, 1860-1862), primeiro e mais importante livro do mestre do positivismo inglês Herbert Spencer (1820-1903). Detenhamo-nos um pouco sobre este autor e sobre as implicações da sua inserção na obra que estudamos. Como é sabido, o livro que pede a personagem Maria Leonor conforma, juntamente com o tratado *Da Origem das Espécies através da Seleção Natural* (*On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favourite Races in the Struggle for Life*, 1859), de Charles Darwin (1809-1882), as duas obras fundadoras da teoria do evolucionismo e do determinismo ingleses, movimentos estreitamente vinculados entre si e que profundos ecos obtiveram na cultura europeia da segunda metade do século passado. Se Darwin, oriundo da área da investigação científica, pode ser apontado como um dos mentores universais no processo de objetivização que a técnica de perscrutação social e individual brandida pelo naturalismo augurava, Spencer, saudado como o maior filósofo da sua época e polígrafo que, a partir dos *Primeiros Princípios* escreveu sucessivos tratados – chamados “Princípios” – de Biologia, Psicologia, Sociologia e Ética, concebidos em conjunto como demonstrações setoriais da sua abrangente teoria evolucionista, na área do pensamento filosófico, por sua vez, pode ser considerado como um dos maiores responsáveis pela desteologização e pela des-canonização de visões tradicionais que as diversas formas de materialismo afirmadas no século passado souberam promover – o que teve como primeiro resultado a ampliação do campo especulativo relativo à concepção do fenómeno da vida, que se reflete como um dos valores mais importantes do naturalismo.

<sup>9</sup> SARAMAGO, José. *Terra do Pecado*, cit., p. 207-208. Daqui para a frente utilizaremos as iniciais “TP”, seguidas dos números das páginas citadas.

O enunciado que define o evolucionismo spenceriano – “Evolução é uma integração de matéria e uma concomitante dissipação de movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente para uma homogeneidade definida e coerente, e durante a qual o movimento retido sobre uma transformação paralela”<sup>10</sup> –, incluído em *Primeiros Princípios*, dá-nos uma ideia da fria clareza expositiva de Spencer que, como um antídoto à filosofante sensibilidade romântica, atraiu a imaginação dos naturalistas de primeira hora, em busca de uma nova articulação fato literário / vida social na segunda metade do século passado. Sem dúvida, Maria Leonor, ao pedir os *Primeiros Princípios*, não faz mais que emular o fascínio dos literatos das décadas de 1870 e 1880 com o novo vocabulário internacionalmente inspirado no objetivismo científico.

Além da demonstração da crise de valores da classe social do personagem feminino mais importante de *Terra do Pecado*, em conflito entre uma nova visão do mundo e as certezas familiares herdadas, a menção a Spencer, ainda que deixando a desejar, quando focado sob o crivo da valoração da qualidade literária, esclarece-nos sobre o universo informacional do próprio Saramago no momento da escrita de sua primeira obra.

Além do ponto de vista da personagem, na referência a Spencer encontramos um sinal nítido das leituras de José Saramago, na época da sua adolescência e primeira juventude. Na pré-história do seu florescimento como escritor, que será marcado por um constante jogo de luzes e sombras entre a sua visão do mundo materialista e

**10** A acepção do termo “Evolução” segundo Spencer é descrita da seguinte forma por André Lalande no seu *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie* (Paris: Presses Universitaires de France, 1962, p. 311 e ss.): “Transformation faisant passer un agrégat de l’homogène à l’hétérogène, ou du moins hétérogène au plus hétérogène (SPENCER) s’oppose à *dissilution* ou à *involution*.”

A lei de Spencer (“Evolution is an integration of matter and concomitante dissipation of motion, during wich the matter passes from an indefinite incoherent homogeneity to a definite coherent heterogeneity and during wich the retained notion undergoes a parallel transformation”), citada por Lalande mais adiante na sua nota, é por ele assim criticada: “Par sa première partie, cette définition est mécanique et quantitative [...]; par la seconde partie, ele est biologique et qualitative. Rien ne prouve *a priori* que ces deux conceptions diferentes puissent être réunies por former un concept unique.”